



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa**

**Klediane Carla de França e Silva**

**Tecnologia e ensino: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO V**

**Carpina**  
**2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa**

**Tecnologia e ensino: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO V**

**Klediane Carla de França e Silva**

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

**Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Aliete Gomes Carneiro Rosa**

**Carpina**  
**2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S586t Silva, Klediane Carla de França e  
TECNOLOGIA E ENSINO: relato de experiência no estágio supervisionado V / Klediane Carla de  
França e Silva. - 2021.  
28 f. : il.
- Orientadora: Aliete Gomes Carneiro Rosa.  
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em Letras, Recife, 2021.
1. Tecnologia. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Estágio supervisionado. I. Rosa, Aliete Gomes Carneiro,  
orient. II. Título

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa**

**Tecnologia e ensino: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO V**

*Klediane Carla de França e Silva*  
*Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE*  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
Kledinani.pe@gmail.com

*Aliete Gomes Carneiro Rosa*  
*Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE*  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
Aliete.rosa@gmail.com

**RESUMO.** Neste estudo, apresentam-se concepções e reflexões sobre tecnologia e ensino, a partir de relato de experiência vivenciado durante as aulas da disciplina de estágio supervisionado V. O eixo de nossas reflexões sobre tais questões é guiado pelo objetivo de reconhecer a utilização das tecnologias para inovar práticas pedagógicas para o efetivo desenvolvimento de habilidades pelos estudantes e para o exercício pleno da cidadania. A intenção é possibilitar o reconhecimento do uso de ferramentas digitais como recurso eficaz, bem como apresentar sugestões que norteiem o ensino voltado para atender as atuais perspectivas da educação sobre o uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, apoiamos-nos no letramento digital e suas contribuições inovadoras para estreitar o largo espaço existente entre espaço escolar e práticas ativas digitais; e ainda nas contribuições do estágio supervisionado para enfatizar a vivência da prática pedagógica, de maneira a descrever as experiências no decorrer da disciplina, refletindo os desafios e possibilidades que se encontram durante o processo de formação docente. O estudo resulta na compreensão de que a utilização de recursos digitais na prática didático-pedagógica, quando bem planejados no processo de ensino-aprendizagem, contribui significativamente para a formação de cidadãos

letrados digitais. Assim, permearemos as perspectivas de teóricos como: Bacich (2015), Martin-Barbero (2004) e Vilaça e Araújo (2016).

**Palavras-chave:** Tecnologia. Ensino-aprendizagem. Estágio Supervisionado.

## **1. Introdução**

Diante da popularização das tecnologias em todos os âmbitos sociais, considera-se como pressuposto fundamental refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem na atual educação brasileira, que vem passando por transformações, principalmente na presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (doravante TDICs) no contexto pedagógico. As formas de interações possibilitadas pelo uso dessas tecnologias e as características da linguagem e das práticas discursivas nos contextos digitais, bem como as práticas de ensino e os novos tipos de ferramentas digitais, oferecem um repensar das práticas pedagógicas para a formação de indivíduos para dominarem este tipo de equipamento, dialogando com os anseios da sociedade da informação que está evoluindo cada vez mais.

Para Champagnatte (2016), a tecnologia precisa estar dentro da escola não só como instrumentos para uso instrumental, mas sim para que nos mais complexos processos de comunicação social, se insira a educação, servindo como uma nova linguagem e para se aprender outras linguagens e formatos da linguagem.

É nesse sentido que o universo tecnológico passa a se encaixar no espaço escolar, abrindo caminhos para o uso da comunicação, interagindo na prática social nas mais diversas situações: “na construção, na gestão e emprego da informação e do conhecimento (ARAÚJO e VILAÇA, 2016, p. 135).” Pois, apesar da chegada de diversas ferramentas, mídias, ambientes, etc. opções de utilização da tecnologia, e ainda, de estar há tantos anos prevista nas atuais legislações que regem a educação, o uso das tecnologias no âmbito educacional, suas contribuições não eram valorizadas, sendo vistas ou utilizadas apenas como um instrumento sem sentido/valor educacional. Contudo, uma das contribuições da tecnologia digital na educação é permitir a

inserção social de um estudante mais cooperativo e que saiba conviver na sociedade que se encontra cada vez mais globalizada. Dessa forma, é preciso reforçar, ressignificar a utilidade das tecnologias digitais no espaço escolar, de modo a se reestruturar a educação e o trabalho docente, fazendo notória a concepção de Araújo e Vilaça (2016):

o uso de recursos tecnológicos no ambiente educacional pode contribuir significativamente para uma prática pedagógica diferenciada no mundo contemporâneo, mais diretamente atenta às necessidades educacionais específicas deste período marcado por rápidas transições e mudanças de práticas sociais mediadas pelas tecnologias digitais. Afinal, é essencial observar o contexto social em que o aluno está inserido, pois é no cotidiano que damos sentido aos saberes, ampliando assim a relação com o outro e com o mundo (ARAÚJO, VILAÇA, p. 219, 2016).

Neste sentido, podemos também reconhecer que diante dessa fundamentação, nada mais justo e coerente que formar inicialmente e continuamente um educador que tenha uma visão crítica e global das mídias. Em função disso, este relatório apresenta resultados de uma experiência que teve como objeto teórico de estudo a regência de aulas práticas de modo remoto e, como objeto empírico, as aulas da disciplina de Estágio Supervisionado V, do curso de licenciatura em Letras, da UFRPE.

Vale salientar, que a regência das aulas práticas aconteceram remotamente, pelo fato de o país estar vivenciando uma pandemia provocada pelo Corona Vírus 19 (COVID-19), que resultou na suspensão das aulas presencias nas escolas, obrigando todo o sistema de ensino público e privado, em todos os níveis do país e, conseqüentemente, do Estado de Pernambuco, a reinventar e ressignificar a prática pedagógica de modo on-line e/ou remotamente. Além disso, o projeto de estágio remoto foi aprovado pela PREG/CGE, considerando as atividades práticas do estágio supervisionado realizadas de modo remoto.

Inicialmente são tratadas neste estudo, as formas de ensinar e aprender com base na relação tecnologia e processo de ensino e aprendizagem, a qual norteou a experiência, teoricamente; depois, são tratadas as questões relacionadas ao planejamento das atividades práticas para a regência e em seguida, apresentam-se as possibilidades de vivência remota na prática do estágio supervisionado na sala de estudo, realizada no aplicativo do *Google*

sala de aula, no qual serviu de *lócus* para esta experiência. Por fim, faz-se um relato avaliativo da experiência realizada, tanto como professora que realizou na prática o ensino de modo remoto, utilizando uma plataforma digital; quanto como aluna em formação inicial docente da disciplina de estágio supervisionado, que realizou na prática as propostas da disciplina. E ainda, tecem-se algumas considerações finais que refletem sobre a importância da regência de aulas no estágio supervisionado.

É, portanto, nesse contexto desafiador ao qual nos encontramos e com o pensamento sobre a gama de conhecimentos e experiências que a regência no estágio supervisionado proporciona que apresentamos este relatório que tem o ensino remoto, o ensino híbrido, a educação a distância, e outras formas de aprender e ensinar – com o auxílio das tecnologias digitais - como possibilidades de vivência da educação como prática que contribui para o processo de aquisição do conhecimento.

## **2. Tecnologia e ensino: pressupostos teóricos e metodológicos para a Educação Básica**

De acordo com a legislação e normatizações que regem a educação básica, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), o papel das instituições educacionais, diante dos indivíduos, do conhecimento e com relação às tecnologias, é propiciar um modelo educacional voltado para inclusão digital e social.

Assim, cabe a escola se reinventar, produzir e socializar conhecimento por meio das tecnologias – com o uso de recursos digitais, mídias, plataformas, ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros – e, conseqüente, conseqüentemente, contribua no desenvolvimento das competências gerais, para o reconhecimento da cultura digital, do pensamento computacional, da cultura em rede, da cibercultura, da era da informação, da sociedade digital; conceitos que se ampliam em âmbito educacional e permitem discursões acerca do uso das TDICs na educação. Belloni (2005) defende que

[...] a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar

as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando (BELLONI, 2005, p.10).

Em função disso, integrar as TDICs no ambiente escolar torna-se, para educadores e a sociedade em geral, um grande desafio para a formação da criticidade dos indivíduos diante das inovações tecnológicas, porque as estratégias de integração digital e social requerem uma aprendizagem dinâmica, participativa, descentralizada (do educador) e fundamentada na autonomia, independência, necessidades e interesses do aluno e da sociedade.

Estas reflexões conduzem-nos a considerar que discutir sobre a inserção de TDIC como instrumento pedagógico, é compreender e considerar o desenvolvimento dos indivíduos com relação ao conhecimento e à linguagem; e às tecnologias em relação aos aspectos sócio-históricos, epistemológicos e didáticos da educação.

Segundo, Polato (2009, p. 51), “da soma entre tecnologia e conteúdos, nascem oportunidades de ensino [...] Mas é preciso avaliar se as oportunidades são significativas”, assim, compreendemos que novas aplicações e possibilidades são levantadas em torno da questão do “saber-fazer”, isto é, de como realizar na prática a inserção de tecnologias digitais, através de metodologias ativas ou de ferramentas que dão suporte para agregar à prática pedagógica, um currículo diferenciado que aborde e estabeleça uma interligação profundamente constante entre o físico e o digital, tornando a aula um momento ampliado que se mescla, se torna híbrida constantemente, nas práticas pedagógicas, e que possibilita o alcance de conhecimentos significativos.

Além disso, relacionar tecnologia e ensino requer discutir as mudanças que o uso da linguagem, nos diferentes contextos, vem sofrendo ao longo das transformações de comunicação e construção de sentido, na era da sociedade da informação, tendo em vistas o repertório cultural e linguístico que o uso das tecnologias na prática social traz consigo, e as concepções de letramento (social e digital) que permeiam a educação. Araújo e Barbero (2016) defende que



O letramento é necessário na realização de práticas sociais para que o indivíduo seja capaz de compreender o que lê e para que possa se expressar em diferentes contextos por meio de linguagem adequada, inclusive no contexto digital (ARAÚJO & VILAÇA, 2016, p.149).

Nessa linha apontada pelos autores, agir socialmente através de recursos digitais na atualidade pela leitura e pela escrita é um caminho sem volta, mas também uma prática imposta (e imprevista) pelo atual contexto pandêmico, como foi o caso da experiência aqui apontada. Desse modo, é fundamental a inserção do desenvolvimento de novas formas de alfabetização e letramentos, por que as diferentes formas de discurso, as diferentes maneiras de leitura, escrita, os diferentes portadores de textos e de contextos no mundo digital, configuram-se práticas comunicativas que precisam ser exploradas para que a apropriação tecnológica digital seja construída por meio da influência técnico-didático-pedagógica, a partir da construção de metodologias inovadoras em congruência com o papel social da instituição educacional – organizar, repassar e viabilizar o saber a todos - dando-lhes acesso a produção cultural, científica, técnica e política da realidade social ao qual o indivíduo está inserido.

Logo, se educação e tecnologia digital remetem novos contextos, novas práticas pedagógicas, novas maneiras de ensinar e aprender; se a sociedade muda, se as crianças que nascem agora são denominadas “nativas digitais”(Levy, 2010) e também estão se transformando; há uma necessidade de reestruturação dos processos de ensino e aprendizagem, para que a escola consiga alcançar a aprendizagem significativa e promover essa real composição social e esse desenvolvimento pleno dos educandos, como ressalta a atual LDB.

Dessa maneira, a utilização das tecnologias digitais para mediar a ação educativa, potencializando as metodologias de ensino, com habilidades e competências; atenuando o protagonismo e participação ativa, além de propor desafios que melhoram a personalização da aprendizagem e o desenvolvimento pessoal, social, cultural e profissional dos atores educacionais; torna-se fundamental diante da realidade social na qual a escola se encontra, pois “essa mescla entre sala de aula e ambientes virtuais é

fundamental para abrir a escola para o mundo e também trazer o mundo para dentro da instituição” (BACICH, 2015, p.35).

Sem dúvidas, o uso da tecnologia, em diferentes dimensões e aspectos, precisa ser refletido e estudado, porque suas implicações para o desenvolvimento nas práticas comunicativas e sociais são claras. Lévy (2010) aponta que

Em primeiro lugar, o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano (LÉVY, 2010, p. 11).

Ou seja, o ciberespaço configura-se como um novo ambiente promotor das múltiplas conexões, que promove novas maneiras de comunicação coletiva, mediando entre o físico e o virtual, em práticas sociais e/ou na produção do conhecimento e gerando um protagonismo a partir da coletividade. Segundo o autor, a relação existente entre tecnologia e comunicação deve ser “explorada”, a partir de “experiências coletivas” (Levy, 2010).

Dessa maneira, quando falamos em comunicação, em práticas discursivas sociais e digitais e em ensino, é necessário entender que a linguagem, nesses processos, passa por transformações e exigem técnicas, não apenas para manusear as diferentes mídias digitais, mas também para compreender, de maneira integrada e significativa, as linguagens múltiplas que as interações nos contextos digitais estabelecem e para compreender o sentido do uso da ferramenta digital para determinada prática social.

Por isso, se torna relevante o desenvolvimento e a apropriação de novas práticas, novas formas de alfabetização e letramentos na escola, que visem incluir as TDICs no processo de ensino e aprendizagem. De uma maneira geral, sobre as tecnologias e comunicação, Martin-Barbero (2004) ressalta que elas,

[...] não somente descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de

socialização, de dispositivos de identificação/projeção de pautas de comportamento, estilos de vida e padrões de gosto. É somente através da assunção da tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura que a escola poderá inserir-se nos processos de mudança que nossa sociedade atravessa (MARTINBARBERO, 2004, p. 67).

Ou seja, a tecnologia digital, bem como os meios de comunicação e mídias, cooperam para um plano de fortalecimento da cidadania, das interações sociais e culturais, através do acesso a equipamentos e tecnologias no ingresso e vivência de experiências que as dimensões do ensino proporcionarão, ao realizar interações e intercâmbios entre linguagens, espaços, tempos e conhecimentos diferenciados, ampliando o processo de transformação da realidade social, a partir do sistema educacional.

Portanto, referindo-se à relação entre tecnologia e ensino, além de dominar a língua e disciplina, o educador deve estar preparado para reconhecer as ferramentas digitais/mídias nos mais diversas formas interacionais do mundo digital, correspondendo ao sentido que se dá a esse uso, não apenas no sentido de utilidade, mas também no sentido de funcionalidade, considerando até que ponto tais ferramentas interferem na interatividade e nas relações socioculturais do indivíduo; em outras palavras, concordando com Freitas (2009), eles devem possuir os conhecimentos das ferramentas digitais disponíveis e saber como aplicá-las em sua prática docente.

Lapa *et al.* (2018) defende que, o indivíduo inserido na cultura digital já não é mais visto como um mero consumidor da tecnologia, mas como aquele que a molda e reconfigura enquanto a consome, questiona e desloca, interage e produz novas formas de pensar, agir e sentir, nas práticas sociais contemporâneas, mediadas ou não pelas tecnologias da informação e comunicação.

Logo, refletir sobre o uso da tecnologia digital, no campo da educação, especificamente no teor de relevância que ela contribui para a apropriação crítica e criativa e como instrumento mediador na apropriação da linguagem na era digital ao qual nos encontramos, nos leva a percebê-la, não como a única relacionada à ações inovadoras na escola, mas como um instrumento didático. Isso porque, o uso eminentemente constante na vida real, sugere o

desenvolvimento de habilidades cognitivas e competências, que a escola, enquanto organização aprendente, colabora no envolvimento de conteúdos disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares com o potencial das ferramentas digitais, para o alcance de novas aprendizagens, habilidades e competências.

É a partir da relação dessas concepções que obtemos os insumos para representar o teor de relevância da nossa prática, durante a regência na proposta da sala de aula virtual, vivenciada remotamente através da disciplina de estágio supervisionado V. Buscamos, através de acompanhamentos diários on-line e de forma remota, entusiasmar os estudantes participantes ao reconhecimento de metodologias e práticas virtuais de ferramentas e recursos digitais que podem ser utilizados tanto na vida social quanto na vida pessoal.

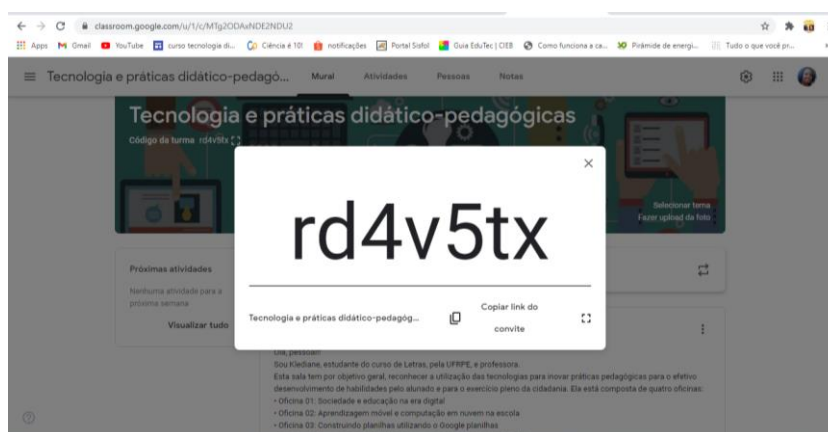
### **3. Docência Digital na Prática**

A sala de aula foi executada na plataforma *classroom*. do *Google*, ou *Google Sala de Aula*<sup>1</sup>. Uma ferramenta on-line, gratuita e utilizada para a organização e realização de aulas virtuais. Nela temos um mural interativo onde ficam registradas nossas movimentações na sala. Contamos com uma aba de atividades, onde lançamos as propostas; a aba pessoas, onde temos acesso aos alunos; e a aba notas, onde fica registrada a pontuação nas atividades dos alunos. Nossa sala de aula recebeu o título “Tecnologias e práticas didático-pedagógicas” e pode ser encontrada através do seguinte link/código de acesso: rd4v5tx, como é apresentada na imagem abaixo.

---

<sup>1</sup> Para este texto usaremos ou *Google Classroom* ou *Google Sala de Aula*, na tradução para o português.

Fig.1 Apresentação e código da sala de aula



Fonte: Sala Tecnologia e Práticas didático pedagógicas – Das autoras

A metodologia consistiu do estabelecimento de plano de leituras e atividades propostas, com metodologias ativas, nas quais foram utilizados recursos informacionais e midiáticos, visando à utilização prática dos recursos, bem como das ferramentas do *Google* para a educação, expostos e debatidos com a participação dos alunos; todos com diversos tipos e gêneros textuais e vídeos de apoio, distribuídos em quatro oficinas para melhor compreensão do conteúdo a ser tratado:

- Oficina 1: Os alunos foram convidados a fazer uma leitura sobre o tema proposto, em seguida, responderam a um questionário que envolveu 4 questões argumentativas.
- Oficina 2: Foram apresentados aos alunos um exemplo de aplicação *Google* documentos, na qual eles puderam reconhecer o uso da aprendizagem móvel e da computação em nuvem.
- Oficina 3: Os alunos foram convidados a elaborar um cronograma de estudos utilizando as ferramentas e os recursos de planilha no *Google drive*.
- Oficina 4: Os alunos elaboraram um plano (de aula, ensino ou sequência didática) em que eles propuseram uma atividade inovadora para o ensino da linguagem em sala de aula.

Fig.2. Apresentação inicial no mural

Fonte: Sala Tecnologia e Práticas Didático-Pedagógicas – Das autoras

E, assim, demos início as oficinas, organizando o mural, nos apropriando de conhecimentos acerca da plataforma, interagindo com público participante das oficinas, somando aos procedimentos propostos pela disciplina de estágio supervisionado V.

### 3.1 PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS PARA A REGÊNCIA

A trajetória do estágio supervisionado, construída ao longo de décadas, é compreendida como produto da necessidade de aproximação da teoria com a prática, no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando ao estudante, entre outros aspectos, uma análise crítica do nosso futuro cenário de atuação. Além disso, Scalabrim e Molinari ( 2021), afirma que

O aprendizado é muito mais eficiente quando é obtido através da experiência; na prática o conhecimento é assimilado com muito mais eficácia, tanto é que se torna muito mais comum ao estagiário lembrar-se de atividades durante o percurso do seu estágio do que das atividades que realizou em sala de aula enquanto aluno (SCALABRIM, MOLINARI, 2021, p. 2).

Neste sentido, em virtude da pandemia a qual estamos vivenciando neste ano, as práticas de regência de estágio supervisionado, foram revistas e flexibilizadas para que concluíssemos nossas atividades referentes à disciplina

sem perder de vista a finalidade da prática da regência; sendo, portanto, estabelecido que devesse acontecer de maneira remota, conforme a determinação da resolução nº 085/2020 – CEPE/UFRPE e o Plano de estágio Remoto aprovado pela PREG/CGE/UFRPE – UAEADTec – UFRPE – Processo 23082.007891/2020-13.

Fig.3. Aula remota da disciplina Estágio Supervisionado V para orientações.

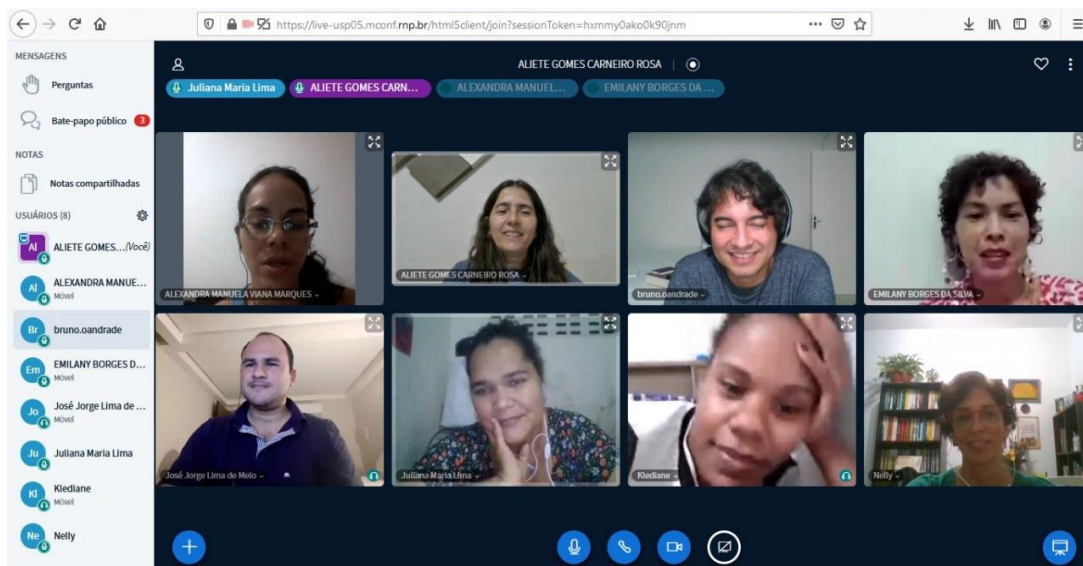
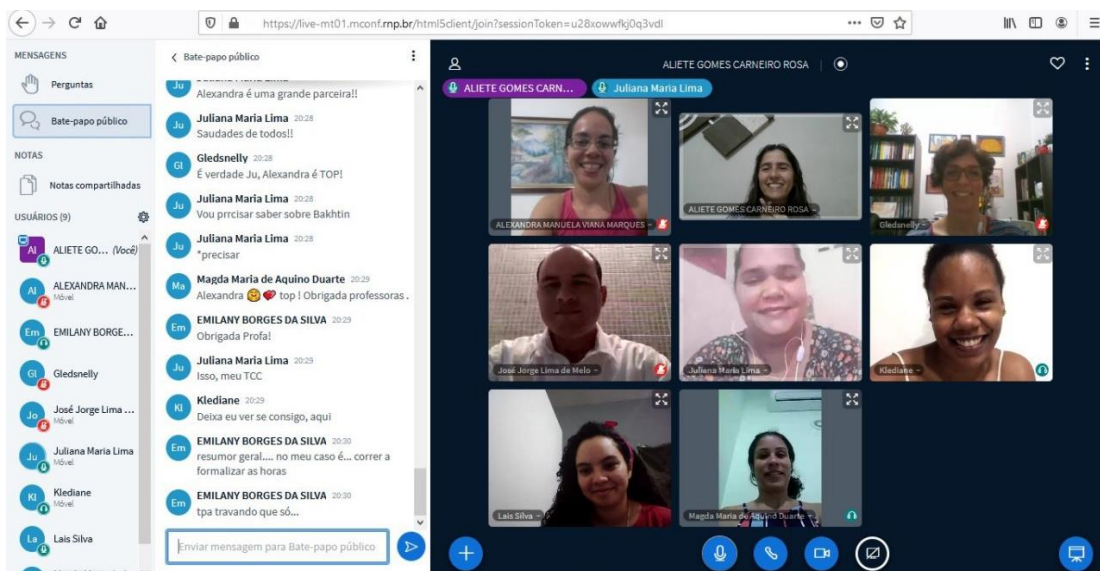


Fig.3.1 Aula remota da disciplina Estágio Supervisionado V para orientações.



Fonte: Print da tela pela plataforma meet

Nas figuras 3 e 3.1, apresentam-se nossas vivências remotas, em diferentes momentos, com o objetivo de atender àquela legislação, com encontros síncronos, na plataforma meet, sob a mediação da professora Aliete,

na qual foi apresentado aos estudantes o novo plano da disciplina e as atividades que seriam desenvolvidas, onde tiramos dúvidas, questionamos a metodologia e nos asseguramos de tudo que deveríamos realizar para concluir com êxito a disciplina.

Assim, após a apresentação da proposta da disciplina, diante do cenário pandêmico, ao qual nos encontrávamos, escolhemos nossos temas e cada aluno registrou no AVA da disciplina, em um fórum, seus respectivos temas para as salas temáticas e oficinas.

Fig.4. Sala temática da disciplina para exposição dos temas das salas

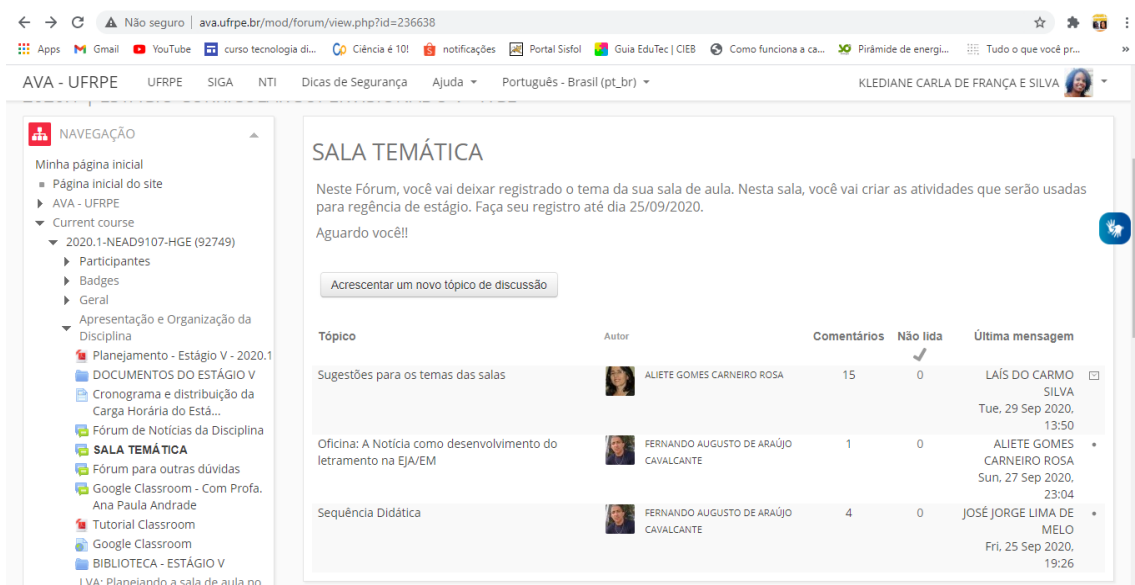
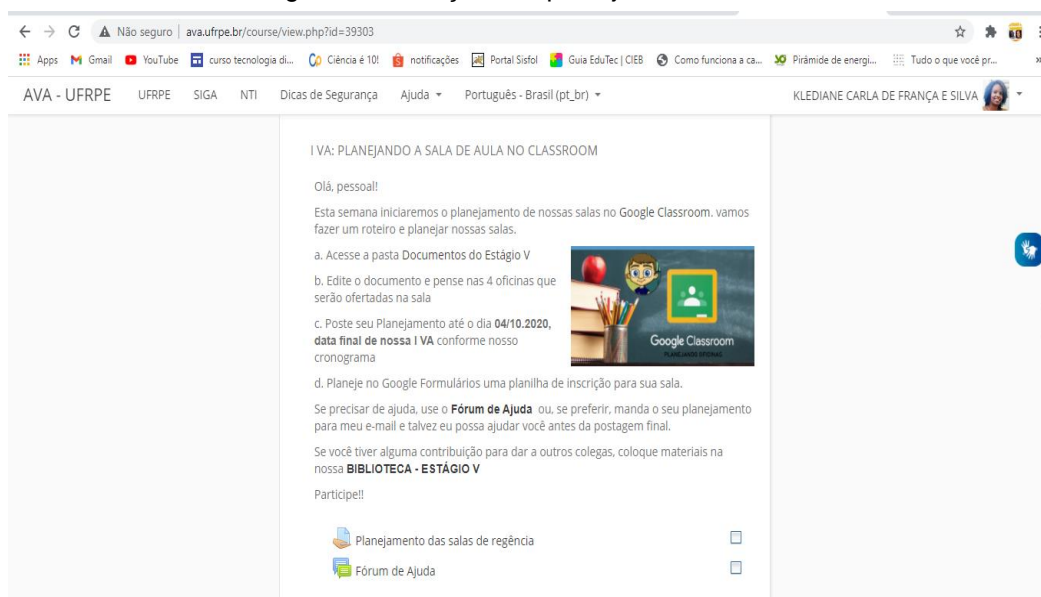


Fig. 4.1 Orientações de planejamento e envio de tarefa



Fonte: Print da tela pela plataforma do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)



No processo de planejamento das salas, cada passo seguinte foi registrado em fóruns ou publicado na aba como tarefa, assim sendo solicitado pela professora da disciplina, como demonstram as figuras 4 e 4.1.

Em um novo encontro síncrono, desta vez, além da professora Aliete Rosa, contamos com a professora Ana Paula Andrade de Oliveira, que, em palestra, apresentou todo o processo de utilização da plataforma *google classroom*, na qual aprendemos como utilizar as ferramentas disponibilizadas e abrimos nossas salas virtuais de aprendizagem.

A referida palestra foi fundamental para iniciarmos as turmas, tendo em vista que nunca havia utilizado a plataforma como ministrante de uma turma *on-line*; outro ponto positivo, além das dicas, foi a disponibilização de um tutorial, que nos ajudou muito no esclarecimento de algumas dúvidas que surgiram depois da palestra.

Fig. 5 Palestra com a professora Ana Paula sobre utilização da plataforma glogle sala de aula

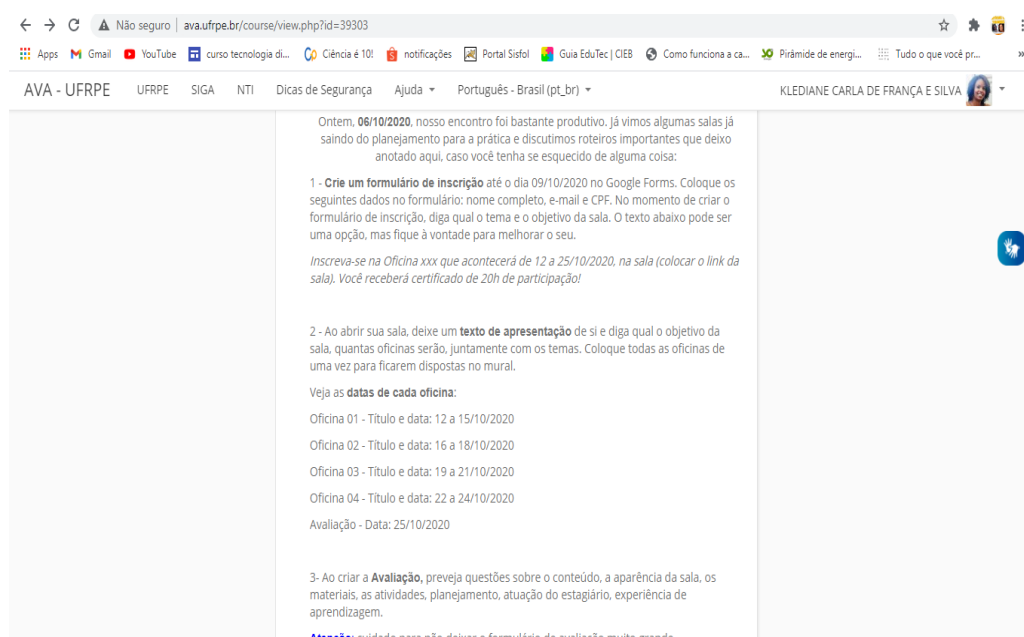


Fonte: Print da tela da plataforma meet no momento do encontro

A partir desta experiência, começamos a planejar nossa sala de aula de acordo com os requisitos propostos e disponibilizados pela professora Aliete. Começamos elaborando 4 oficinas para serem ofertadas na sala de aula: elaboramos título, estabelecemos o público alvo e objetivos, construímos a ementa, escolhemos que conteúdos trabalhar e quais competências e

habilidades pretendíamos desenvolver, pesquisamos recursos didáticos-tecnológicos, elaboramos as metodologias que julgamos adequadas ao alcance dos objetivos e competências e habilidades e produzimos a avaliação; e enviamos para a professora Aliete, como requisito correspondente à primeira avaliação da disciplina.

Fig.6. Orientação no AVA sobre planejamento das salas



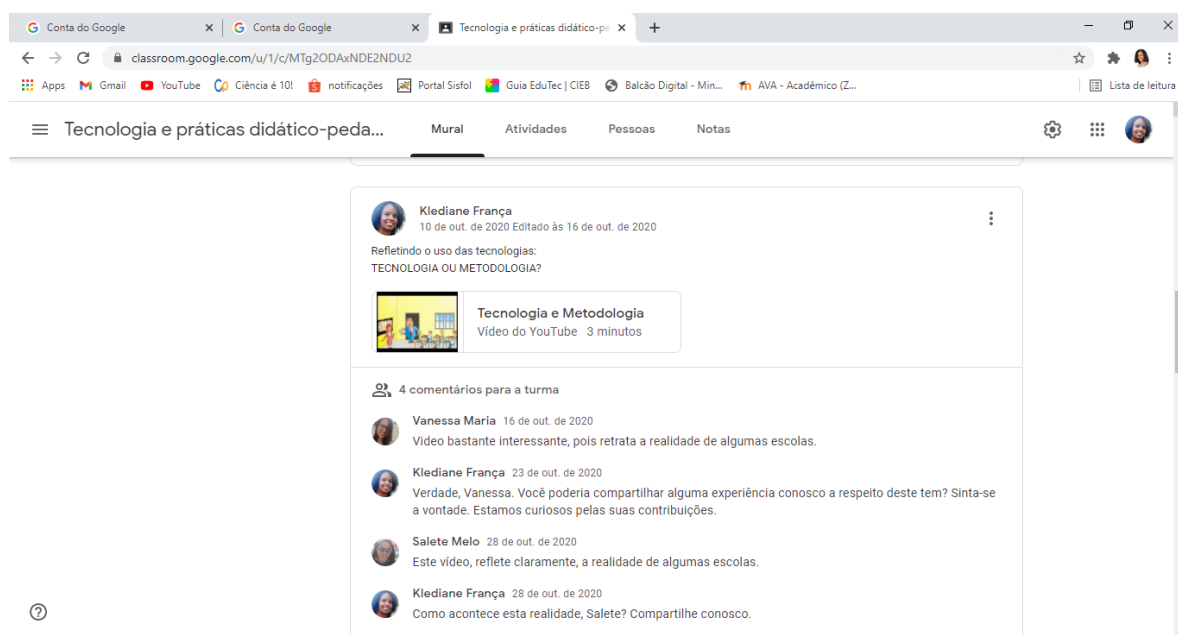
Fonte: Print da plataforma do AVA da disciplina

No processo de criação das salas, como mostra a imagem 6, os planos foram corrigidos e avaliados. A partir deste momento, as oficinas foram liberadas para construirmos as salas de aulas na plataforma, de acordo com as orientações que a professora Ana Paula nos passou sobre as ferramentas e sob a supervisão e orientações da professora Aliete. Criamos um texto de apresentação, apresentamos nosso objetivo geral, elaboramos um formulário de inscrição, dispomos as oficinas no mural com as respectivas datas de entregas e, por último, criamos a avaliação com a finalidade de os alunos avaliarem o conteúdo, aparência, materiais, atividades, planejamento, atuação do estagiário, experiência de aprendizagem, etc.

Nossa sala de aula abordou a temática Tecnologia e Ensino e teve como título “Tecnologia e práticas didático-pedagógicas”. A sala foi elaborada para atender ao público que se interessa pelo uso de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem, com a utilização de recursos de apoio para aulas, por

exemplo, de ensino híbrido, remoto ou que se queira introduzir o uso de ferramentas digitais. Sempre considerei este tema interessante, por isso, quis repassar para os participantes algumas técnicas que os ajudassem a compor suas aulas e, até mesmo, no seu dia-a-dia. Os conteúdos pedagógicos e recursos didáticos foram selecionados cuidadosamente para que os participantes se aprofundassem mais no tema proposto. Assim, utilizei vídeos, livros, artigos e *sites* como referências e apoio.

Fig.7 Início da oficina 1



Fonte: Sala Tecnologia e Práticas Didático-Pedagógicas – Das autoras

Na figura 7, demonstramos o início da primeira oficina com conteúdo em vídeo e interação entre participantes e professor, na sala de aula. Foi um momento de reconhecimento da utilidade da tecnologia para com nossas necessidades no dia-a-dia, reconhecendo benefícios e desvantagem, dando sentido ao uso e ao método ao qual ela é submetida.

Enquanto professora na oficina, a vivência permitiu reconhecer as práticas de ensino e aprendizagem no modo digital, fazendo-me ter uma experiência prática de ensino remoto, modo nunca vivenciado por mim. Pesquisando sobre os “modos” de ensino com o auxílio das tecnologias, considero que depois dessa pandemia, a educação terá que rever sua práticas

pedagógicas de modo a oferecer aos estudantes caminhos para inserir-se na sociedade letrada digitalmente.

Neste sentido, a partir desta experiência, percebo que assim como no ensino presencial, o ensino a distância/remoto/*on-line*, requer bastante conhecimento, gerenciamento de tempo para preparação de aulas que sejam interessantes para os alunos e domínio das ferramentas digitais – algo que é fundamental, pois somente se apropriando da utilização das ferramentas, conseguimos fazer da plataforma um ambiente acolhedor e que garanta o alcance do conhecimento.

Contudo, mesmo nessa articulação de processos de ensino e aprendizagem, com múltiplos contextos, participantes internos e externos, que se organizam e interagem numa troca de vivências e saberes, o mais desafiador é manter os participantes na oficina, pois a possibilidade dele se distrair é maior, considerando o leque de informação e de acesso que o mundo digital carrega consigo.

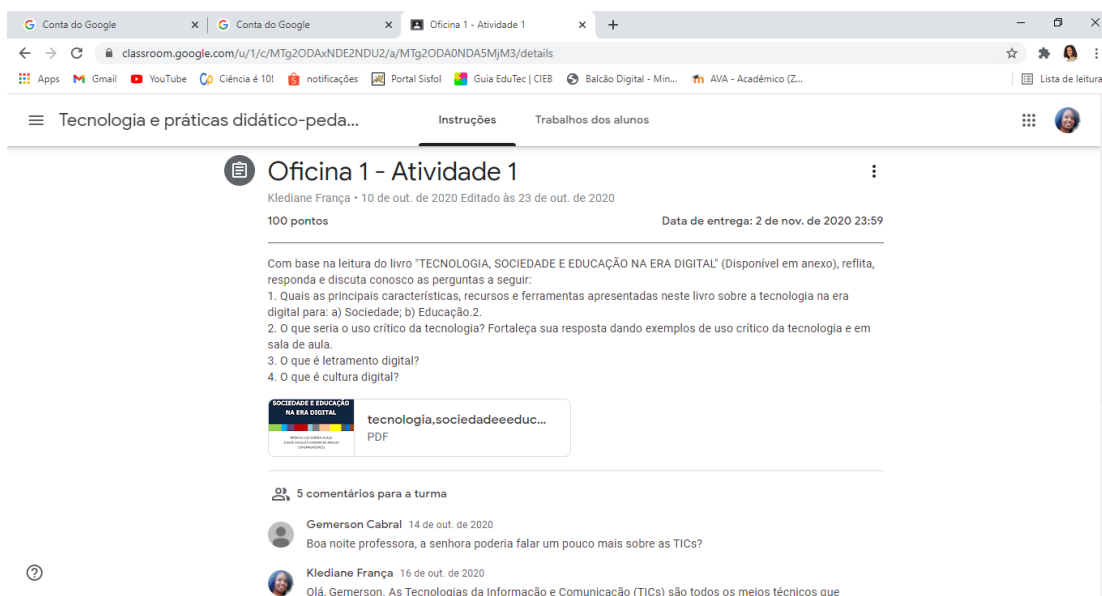
### **3.2 Realização das atividades práticas**

Habitados à modalidade presencial de realização do estágio supervisionado, a proposta deste novo formato de estágio nos trouxe a oportunidade de termos uma experiência ímpar para nossa formação. Atualmente estamos vivenciando uma interação síncrona e assíncrona compondo uma intercomunicação e enriquecimento fecundo, implicando na transformação do trabalho pedagógico em sala de aula com a integração das TDICs. No momento em que participamos dos fóruns, dos encontros através do *Meet*, trocando e-mails e informações pelo *whatsApp*, *telegram* e telefone, pode-se dizer que, de fato, as atitudes docentes, a percepção dos alunos com relação às aulas e a organização do ambiente de aprendizagem ganharam um novo direcionamento.

Durante o percurso da disciplina, como professores, tivemos que ajustar nossa prática para atender a proposta prática de disciplina. O que antes teríamos de elaborar planos de aulas, estar frente a frente com alunos, tirando dúvidas, explicando conteúdos, etc. Tivemos que refletir criticamente sobre qual público queríamos alcançar, modificando o processo de aprendizagem, a

maneira de se comunicar/interagir, a metodologia e recursos didáticos utilizados.

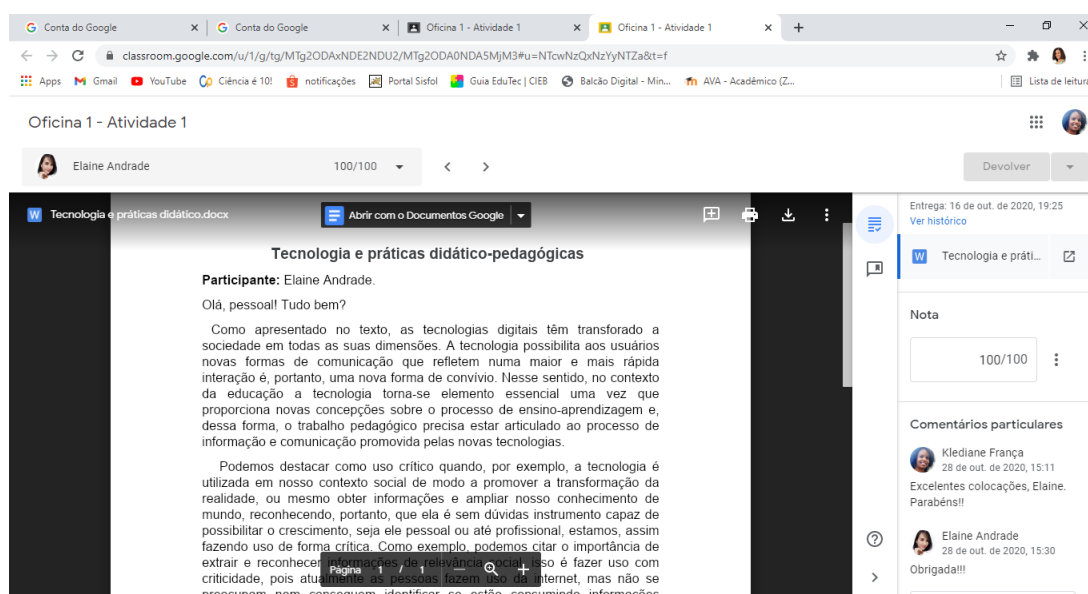
Fig.8 Demonstração da atividade 1



Fonte: Sala Tecnologia e Práticas Didático-Pedagógicas – Das autoras

A figura 8 demonstra a atividade 1 que solicitou aos participantes a leitura de um livro sobre a temática abordada, para responderem questões argumentativas que deveriam ser respondidas utilizando a ferramenta *documentos google*. Assim, ao mesmo tempo que se familiarizaram sobre o conteúdo da temática, aprenderam a utilizar tal ferramenta na construção da sua resposta, conforme demonstração na figura 8.1.

Figura 8.1 Realização da atividade 1 através da ferramenta *documentos google*



Fonte: Sala tecnologia e práticas didático-pedagógicas – Das autoras

Desse modo, tivemos que nos adaptar a um novo modelo de aula, uma maneira de dispor os conteúdos a serem trabalhados, uma nova maneira de realizar a atividade (não utilizamos o word, nem caderno, nem outro utensílio comum às atividades presenciais), as estratégias também foram modificadas, tudo para que a construção da aprendizagem aconteça, oferecendo um novo modo de fazer texto, tabela, salvar arquivos, realizar atividades e avaliação.

Fig. 9 Demonstração da aba avaliação.

Nome do Aluno	Status	Pontos
Daniel Rocha	Devolvido	/100
Elaine Andrade	Devolvido	/100
Gemerson Cabral	Devolvido	/100
Kledja França	Devolvido	/100
Salette Melo	Devolvido	/100

Nome do Aluno	Status
Daniel Rocha	Devolvido
Elaine Andrade	Devolvido
Gemerson Cabral	Devolvido
Kledja França	Devolvido
Salette Melo	Devolvido
Aliete Rosa	Pendente
ANA PAULA ANDRADE	Pendente
Anderson Nunes	Pendente

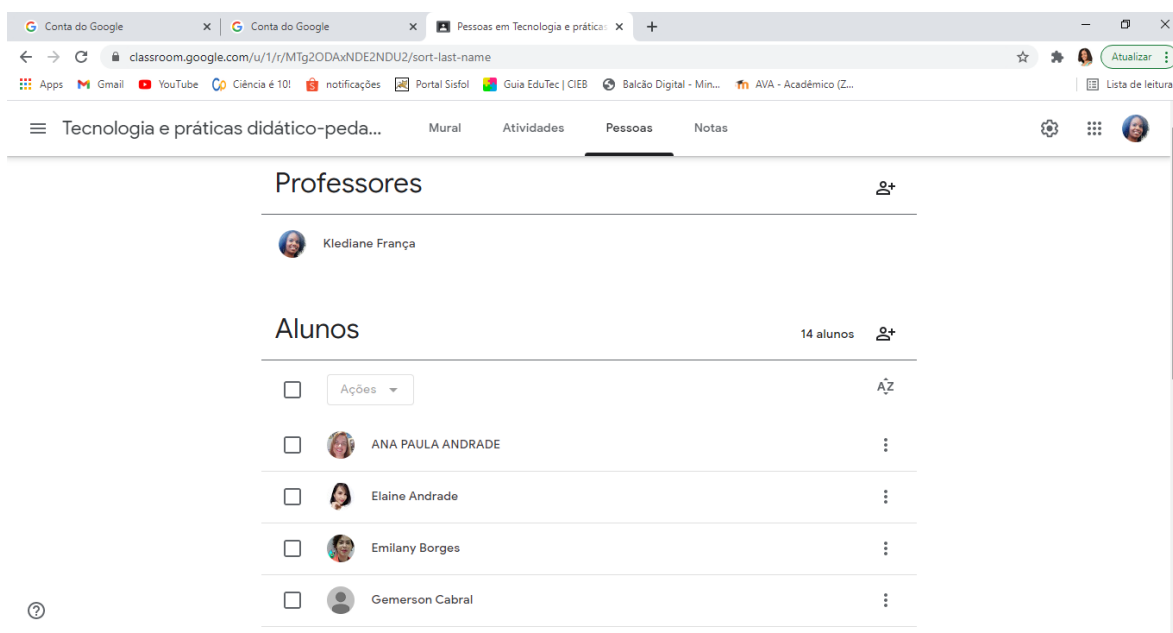
Fonte: Sala tecnologia e práticas didático-pedagógicas – Das autoras

A figura 9 apresenta a aba avaliação, demonstrando as avaliações entregues, as que já foram avaliadas e as que ainda faltam avaliação e estão com pendências. A avaliação constou de questões objetivas sobre a temática abordada, sobre a sala temática, sobre a metodologia utilizada nas oficinas e uma questão auto avaliativa sobre as oficinas com relação ao que aprenderam.

Sobre o ambiente de aprendizagem, o cenário foi totalmente modificado. Cada um de suas casas produzem seus conhecimentos com base nas orientações dadas, buscamos meios mais técnicos/dinâmicos para construir o conhecimento. Percebe-se que a pedagogia aplicada contribuiu para o alcance de resultados positivos, haja vistas ter construído uma aprendizagem que incita o participante a atuar de forma ativa, no desenvolvimento da consciência e da percepção crítica, em relação ao uso das TDICs na vida social.

Contudo, qualquer mudança, por menor que seja, incita pontos negativos. No caso dessa sala de aula, por exemplo, manter os alunos ativos nas oficinas foi bastante difícil, mas, de 20 alunos inscritos 14 frequentaram a sala, e 7 interagiram integralmente. Como podemos observar nas figuras 10 e 10.1.

Fig.10 Painel de participantes/Alunos



Fonte: Sala tecnologia e práticas didático-pedagógicas – Das autoras

Fig. 10.1 Painel de controle de participação nas atividades

	2 de nov. d... Oficina 1 - Atividad...	2 de nov. d... Oficina 2 - Atividad...	2 de nov. d... Oficina 3 - Atividad...	2 de nov. d... Oficina 4 - Atividad...	3 de nov. d... Avaliação
Classificar pelo sobrenome	de 100	de 100	de 100	de 100	de 100
Elaine Andrade	100	100	100	100	___/100
Emilany Borges	Pendente	Pendente	Pendente	Pendente	Pendente
Gemerson Cabral	95	100	___/100	___/100	___/100
Kledja França	100	100	90	100	___/100
Karla Gisele	Pendente	Pendente	Pendente	Pendente	Pendente
Vanessa Maria	Pendente	Pendente	Pendente	Pendente	Pendente
Salete Melo	100	90	95	100	___/100

Fonte: Sala tecnologia e práticas didático-pedagógicas – Das autoras

Desse modo, como estimular estes participantes a realizarem as oficinas, se a interação que temos com eles é exclusivamente virtual? Essa evasão surgiu como ponto negativo à experiência, mas se revela como um aprendizado a se conquistar: usar diversas maneiras de chamar a atenção, de despertar o interesse dos participantes para a conclusão das oficinas, como apresentar temas de interesse dos participantes, usar uma metodologia dinâmica e interagir frequentemente com os participantes (respondendo questionamentos, sugerindo outros materiais/pesquisas etc.)

Contudo, a experiência foi muito rica em aprendizado, sobretudo no que diz respeito a interação entre aluno-professor/professor-aluno/aluno-aluno, que neste momento foi fundamental. Uma vez que trabalhamos na coletividade na produção das salas, do formulário de inscrição, na troca de experiência, etc; compartilhamos ideias, saberes e conteúdos, apoiando uns aos outros; exercemos a função docente à distância, experiência que nunca havia vivido e hoje reconheço criticamente que o trabalho docente é árduo nas duas modalidades (presencial e à distância): pesquisamos e construímos as aulas (oficinas) adequando ao público alvo; planejamos cada momento das oficinas, atribuindo uma metodologia que fosse capaz de alcançar as competências/habilidades e objetivos.

Por fim, finalizamos nossas atividades com êxito. Pois sabemos que a educação de qualidade se baseia em aprendizagens significativas que levamos para a vida. Como ressalta Bacich (2015),

A educação no sentido mais amplo é aprender – e auxiliar os outros a fazê-lo, por meio de comunicação e compartilhamento – a construir histórias de vida que façam sentido, que nos ajudem a compreender melhor o mundo, aos demais e a nós mesmos; que nos estimulem a evoluir, a fazer escolhas, nos libertem das nossas dependências e nos tornem mais produtivos e realizados em todos os campos, como pessoas e cidadãos (BACICH et al, 2015, p. 30).

Neste sentido, vale ressaltar que as atividades práticas da disciplina de estágio supervisionado, neste cenário pandêmico, por meio das TDICs, nos permitiu, além de aplicar na prática os princípios teóricos docentes aprendidos



durante o curso da licenciatura em Letras, uma experiência única, uma experiência de aprendizagem 360 graus, definida por Bacich (2015) como uma “aprendizagem ampla, integrada e desafiadora” (BACICH et al, 2015, p. 30). O trabalho desenvolvido nos possibilitou um múltipla visão de oportunidades de ensino, na busca de superação dos limites, tanto do processo de formação quanto do processo de ensino e aprendizagem.

#### **4. Avaliação das atividades práticas do Estágio Supervisionado no contexto da educação mediada por tecnologias digitais**

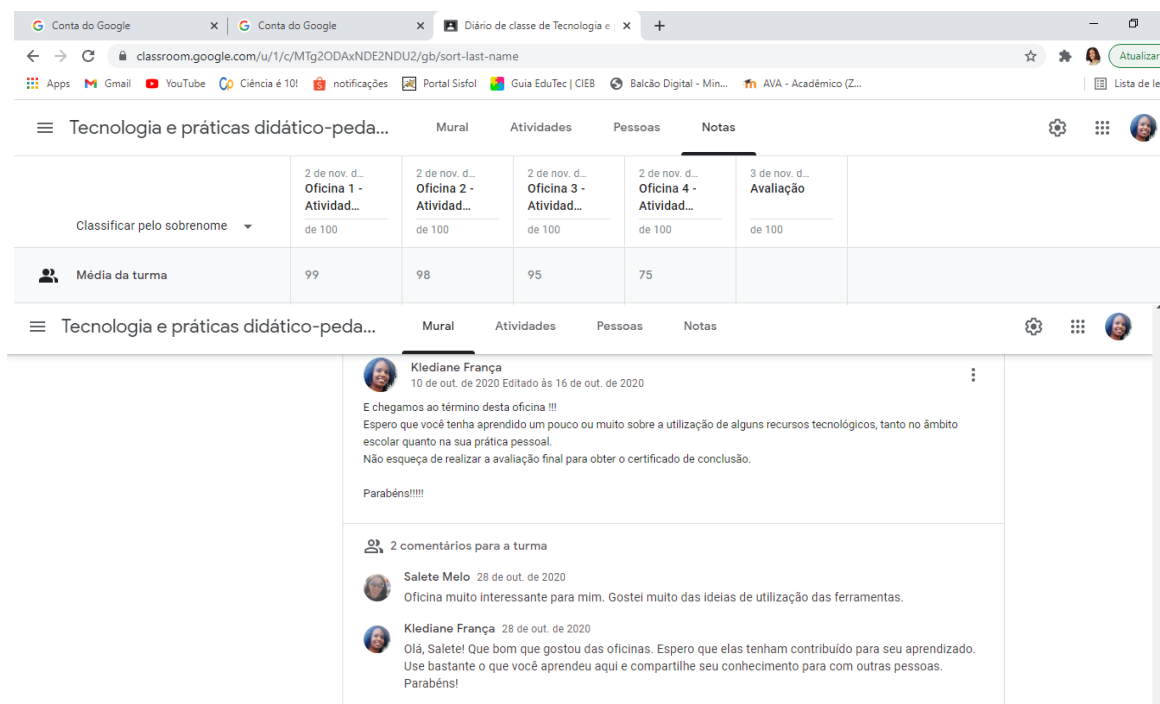
A mediação das atividades práticas do Estágio Supervisionado através das tecnologias digitais aconteceu de maneira satisfatória. As ferramentas utilizadas apoiaram a construção do nosso conhecimento; fomos apoiados técnica e didaticamente, em todo momento pela professora e pela mídias utilizadas; nossas competências digitais foram bastante aprimoradas e, de fato, transformaram e ampliaram nossa prática docente.

Para trabalhar com os participantes das oficinas, foi preciso nos familiarizarmos com a plataforma que iríamos utilizar no processo de realização de cada etapa. Pesquisamos, estudamos e praticamos cada área da plataforma para aproveitarmos o máximo de suas ferramentas. Foi desafiador, porque durante minha formação acadêmica, a prática do estágio supervisionado não foi contemplado esse modo de estágio/aplicação das aulas. Neste modo, foi necessário ter habilidades com recursos visuais, digitais, práticos e com instruções mais objetivas e claras, partindo de metodologias dinâmicas/ativas.

Neste cenário, a mediação dada pela professora de estágio supervisionado, foi fundamental para a construção das salas e realização das oficinas; pois as orientações foram contínuas, nos deixando cada vez mais ativos e seguros no processo de elaboração/realização da sala/das oficinas. Posso afirmar que o estágio supervisionado mediado pelas tecnologias digitais foi uma prática pedagógica inovadora que nos trouxe novas possibilidades de aplicar nossas aulas, para além dos limites da sala de aula, no ensino presencial.

Diante das participações na sala, aprimoramos nossas competências digitais na plataforma utilizada, tornando todo o processo rico tanto para nós estagiários quanto para os participantes. Foram dias de dedicação e aprendizado que corroboraram para todas as pessoas que participaram atendessem ao alcance das competências, habilidades e objetivos propostos pelas oficinas.

Fig. 11 Apresentação da média da turma e um feedback das oficinas por uma das alunas/participantes.



Fonte: Sala tecnologia e práticas didático-pedagógicas – Das autoras

A figura 11 demonstra a média da turma na realização em cada uma das atividades, seguida por uma avaliação particular de uma participante, expressa em um comentário no mural da sala de aula. Considerando os dados, pode-se observar que, para os participantes das oficinas, foi uma experiência que rendeu bons aprendizados. Pelos números que constam na média da turma e pelo comentário da aluna, os objetivos das oficinas foram alcançados com sucesso.

Enfim, a prática do estágio supervisionado mediada pelas tecnologias digitais nos deu a oportunidade de encarar nosso cotidiano educacional, aprendendo a lidar as situações diárias, e conseguir nosso objetivo maior: a aprendizagem dos alunos. Além disso, nos proporcionou compreender que

diante das adversidades, devemos flexibilizar nossos métodos, pesquisar, atualizar nossos conhecimentos e adaptarmos nossa prática; afim de não limitarmos o processo de ensino-aprendizagem a sala de aula.

### **Considerações Finais**

O estágio supervisionado é um processo de aprendizagem indispensável na formação docente, pois ele possibilita ao estudante o contato com a realidade da profissão que se optou desempenhar. É a partir dessa experiência que se começa a relacionar o que estudou com o cotidiando do trabalho, tornando o aprendizado mais eficiente; pois defendo que é na prática que se consolida o conhecimento assimilado. Desse modo, ele proporcionou ainda a utilização e, conseqüentemente, o domínio de instrumentos teóricos e práticos imprescindíveis ao exercício de sua função, promovendo a ampliação do universo didático-técnico dos futuros professores.

Entretanto, experiência como esta, vivenciada neste estágio supervisionado – com aulas práticas mediadas pelas tecnologias - devem se repetir, tendo em vistas que estamos inseridos na sociedade da informação em que o uso das tecnologias é constante em todos os setores da vida dos indivíduos e a preparação de professores para o uso em sala de aula é fundamental na sua formação, nos cursos de licenciatura. Pois, mesmo a legislação educacional atribuindo valor ao uso das tecnologias em sala de aula e nos cursos de formação, há ainda muito que se fazer para integrar tecnologias nos cursos de formação de professores.

Há uma necessidade de vivenciar práticas pedagógicas utilizando tecnologias no âmbito das salas de aula, em todas as etapas da educação. Sendo assim, é necessário ampliar o debate e as vivências sobre esta inserção/integração, especificamente nos estágios supervisionados (já que ele permite a atuação ativa dos estudantes com a realidade da profissão docente) para que se construam novas possibilidades para experiências na esfera educativa, começando pela formação inicial dos professores.

Foi, portanto, esta vivência no estágio supervisionado mediada pela tecnologia digital, que permitiu o aprofundamento da prática da regência sob outro ângulo e uma aprendizagem significativa que valorizou ações ativas e o

nosso protagonismo. Ou seja, novas formas de aprender e ensinar pela ótica das tecnologias, que exigiram práticas diferenciadas aos alunos/participantes, estimulando a percepção crítica, a desconstrução de certezas para novos conhecimentos, o estímulo à criatividade e à curiosidade, o exercício da autonomia e na direção da inquietude face à aquisição de novos saberes.

## Referências

ARAÚJO, J.C. e COSTA, N. **Internet e ensino: novos gêneros, novos desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de. (orgs.) **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Livro eletrônico. Porto Alegre: Penso, 2015.

BELLONI, M.L. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

CHAPANGNATTE, Dostoiewski Mariatt de Oliveira. **Mediações, mídia-educação e cotidiano escolar**. In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. ARAÚJO, Eliane Vasquez Ferreira de. (Org.) **Tecnologia, Sociedade e educação na era digital**. [livro eletrônico] Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016, p. 195-217.

FREITAS, M. T. A. **A formação de professores diante dos desafios da cibercultura**. In: FREITAS, M.T. A. (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LAPA, A. B. L., LACERDA A. L., & COELHO, I. C. **A cultura digital como espaço de possibilidade para a formação de sujeitos**. *Inclusão social*. (2018) Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4170>. Acesso em 20/11/2020.

LEVY, P. **Cibercultura**. 3ª edição. São Paulo: Editora, 2010.

LUCENA, S. **Culturas Digitais e Tecnologias Móveis na Educação**. *Educar em Revista*. Curitiba: Brasil, n. 59, p. 277-290, jan./mar. 2016.

MARTÍN-BARBERO, J. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MARCUSCHI, L. A. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. *Linguagem & Ensino*, Vol. 4, Nº 1, 2001.

POLATO, Amanda. **Tecnologia e conteúdos: oportunidades de ensino**. *Revista nova escola*: ano XXIV, nº 223, jun/jul 2009, p. 50-58.

SCALABRIM, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A importância do estágio supervisionado nas licenciaturas.** Artigo Digital. Disponível em: [http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7\\_n1\\_2013/3\\_a\\_importancia\\_da\\_pratica\\_estagio.pdf](http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf). Acesso: 29/02/2021.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. ARAÚJO, Eliane Vasquez Ferreira de. (Org.) **Tecnologia, Sociedade e educação na era digital.** [livro eletrônico] Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Araújo, Eliane Vasquez Ferreira de. **Linguagem na era digital: reflexões sobre tecnologia, linguagem e comunicação.** In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. ARAÚJO, Eliane Vasquez Ferreira de. (Org.) **Tecnologia, Sociedade e educação na era digital.** [livro eletrônico] Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016, p. 127-156.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Letramento Digital e Ensino.** Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional. Artigo. 2020.

### **Referências utilizadas para as aulas na plataforma Classroom**

#### **Vídeos:**

Tecnologia e metodologia. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=IJY-Nlhdw\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=IJY-Nlhdw_4) Acesso em 10/10/2020.

#### **Links:**

Computação em nuvem: entenda porque já é uma realidade nas empresas. Disponível em: <https://blog.centralserver.com.br/computacao-em-nuvem-entenda-por-que-ja-e-uma-realidade-nas-empresas/> Acesso em 10/10/2020.

Google Planilha: Crie e edite planilhas. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/sheets/about/> Acesso em 10/10/2020.